

NARRATIVAS PÓS-ITALIANAS

A RE-IMAGINAÇÃO DA UNIDADE NACIONAL NAS CANÇÕES DO SUL DA ITÁLIA¹

Marcello Messina²

RESUMO

As celebrações pelo 150º aniversário da unificação italiana, em 2011, renovaram a necessidade de reflexões sobre a história nacional. Nesse contexto, é possível identificar uma série de narrativas subalternas no Sul da Itália que apontam para a necessidade de se renegociar o posicionamento da população dessa região na sociedade italiana. Essas narrativas são aqui definidas como “pós-italianas”, e podem ser entendidas como reações culturais às representações tradicionais do Sul, como o “outro”, instrumento para a legitimação e construção de uma identidade italiana compartilhada, baseada em um etnocentrismo do Norte “branco” em oposição a um Sul “oriental” e “atrasado”. Com este artigo, objetiva-se dialogar sobre essas questões a partir de um conjunto de canções, analisando e discutindo as principais diferenças em termos de discurso político e ideológico a fim de avaliar em que medida essas narrativas são destinadas a uma renegociação da posição das pessoas do Sul na sociedade italiana enquanto tentativas explícitas de promover agendas autonomistas.

PALAVRAS-CHAVE

Sul da Itália. Canções. Subalternidade. Revisionismo Histórico. Descolonialidade

INTRODUÇÃO

Na Europa, a tendência a superar as fronteiras nacionais foi acompanhada, por um lado, de um sentimento crescente de identidade continental compartilhada, e por outro, da renascença de identidades locais, nações sem estado que muitas vezes consideraram a União Europeia como uma oportunidade para aliviar a hegemonia do estado centralizado. Este é, sem dúvida, o caso da Escócia e da Catalunha, entre outras regiões (CONNOLLY, 2013).

O caso da Escócia é um exemplo particularmente emblemático desta situação, porque ali, como é bem conhecida, a frente independentista baseou o referendo sobre a independência da Escócia, de 2014, em um forte sentimento pró-europeu, enquanto o Reino Unido se preparava ao referendo sobre a saída da União Europeia, conhecido como *Brexit Referendum*, que aconteceu em 2016 e tornou-se uma vitória para a frente favorável à saída.

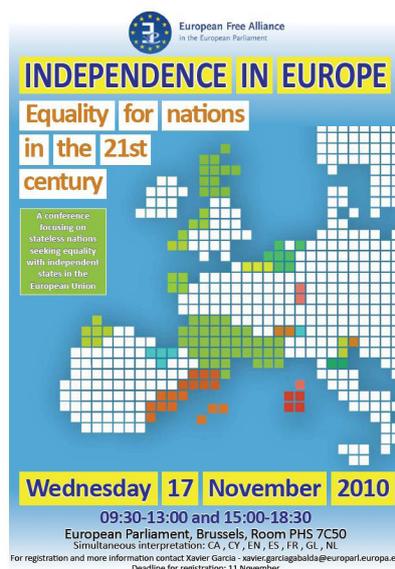


Figura 1 – Pôster do Congresso *Independence in Europe: Equality for nations in the 21st century*. O mapa marca as lutas independentistas de regiões como a Catalunha (inclusive a Comunidade Valenciana e as Ilhas Baleares), os País Basco, a Galiza, a Sardenha, a Córsega, a Provença, etc. mas não marca a Sicília nem o Sul continental da Itália. (Fonte: EFA <http://goo.gl/G5GLH6>)

1 Além de ser um trabalho substancialmente original, este artigo também reelabora, traduz em português e expande algumas ideias e assuntos apresentados em meus trabalhos recentes (em particular MESSINA, 2015; MESSINA, 2016).

2 Doutor em Música, bolsista PNP/Docapes do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre.

A imagem exibida na Figura 1 é outra prova da conexão entre a União Europeia e as agendas políticas dos grupos independentistas: o pôster da organização do congresso *Independence in Europe: Equality for nations in the 21st century*, em 2010, que foi hospedado no prédio do Parlamento Europeu e onde se reuniram muitos políticos independentistas de várias regiões europeias. Um elemento muito interessante da Figura 1 é o fato que nem Sicília, nem o Sul continental da Itália, são contemplados entre as nações sem estado representadas no mapa, apesar da tradição autonomista e independentista dos dois lugares. É possível argumentar que esta omissão seja sintomática de um obliúvio mais generalizado das aspirações à libertação destas duas regiões, que tem uma genealogia que vai bem além destes recentes fenômenos ao nível europeu. Paolo Perri, por exemplo, documenta bem a trajetória ideológica do Partido Comunista Italiano em respeito a esta questão: se, em 1927, o programa do partido contemplava a cessão da independência à Sicília, à Sardenha e ao Sul continental, e a reconfiguração da Itália numa federação de republicas independentes, já na década de 1940 esta opção tinha totalmente desaparecido do discurso do partido (PERRI, 2012, pp. 3-5).

Outro elemento a se observar no mapa da Figura 1 é a ausência total do litoral norte-africano, vistosamente substituído por um pedaço de mar, especialmente em baixo da península ibérica. Esta acrobacia cartográfica chama a atenção para o fato de que o papel da Europa se torna, sem dúvida, mais complexo para além da questão do apoio/repúdio das lutas de libertação nacional; e isso sem falar no legado europeu de colonialismo nas Américas, na África, no Sul e Sul-Este asiático, etc.

A imagem exibida na Figura 2 foi tomada de um trabalho de Jordi Reig Bravo (2015), que sugere que o papel mesmo da Europa é a divisão e a conseguinte eliminação política do Mediterrâneo, por meio de uma fronteira imaginária que separaria o Norte e o Sul da região, cortando o diálogo entre as duas áreas e, entre outras coisas, invalidando o papel da Europa meridional, que é uma ponte ideal entre o Norte e o Sul da região (basta olhar à península ibérica e à Itália para perceber isso). Esta fronteira tinha sido já abundantemente analisada e problematizada por Andrew Hess, que falava de “fronteira esquecida” e “Mediterrâneo dividido” (1978). O Mediterrâneo cortado, assim, vira inevitavelmente periferia do Norte da Europa, no caso da Europa meridional, ou inimigo permanente e “outro”, no caso da África do Norte e do Médio Oriente.



Figura 2 – Mapa do Mediterrâneo dividido (Fonte: REIG BRAVO, 2015, p. 9).

Voltando ao dúplice oblívio perpetrado no mapa da Figura 1, ou seja, a exclusão do Sul italiano do grupo das nações em luta pela liberdade, e o cancelamento total da existência da África do Norte, é difícil não perceber que a luta por uma “igualdade com os estados independentes da União Europeia” (texto na Figura 1) seja percebida e apresentada como um direito exclusivo de algumas selecionadas “nações sem estado” (texto na Figura 1), ao custo de excluir e esquecer alguns lugares importantes, mas também ao custo de considerar a Europa como horizonte exclusivo da própria existência.

O Sul da Itália se encaixa bem neste contexto de esquecimento. Por um lado, e especialmente na Sicília, existe uma tradição silenciada de lutas independentistas que são bem similares às lutas na Escócia, na Catalunha, na Córsega, e em outras regiões europeias, e que são também caracterizadas por tentativas de diálogo com outras regiões europeias, assim como com a UE mesma. Por outro lado, o papel periférico da região, determinado primariamente pelo corte do Mediterrâneo, produz uma condição de subdesenvolvimento colonial ou semicolonial, uma condição de subalternidade frequente e decididamente ignorada, apesar de ter sido observada e denunciada por muitos autores, inclusive Gramsci (1966), Salvemini (1963), Zitara (1971), só para citar alguns dos mais importantes. Estas tradições intelectuais foram continuadas nos anos noventas por autores como John Dickie, ou Gabriella Gribaudi, que desconstruem as representações do Sul como “outro” (DICKIE, 1994) ou como “negação” (GRIBAUDI, 1997) da identidade normativa italiana. Mais recentemente, Joseph Pugliese articulou a questão a partir da identificação de uma “divisão racista entre Norte e Sul [que] opera ao longo de um eixo geopolítico racializado que demarca o Norte como ariano e europeu, e o Sul como africano e árabe” (2007). Em 2013, dois trabalhos confrontaram abertamente o Sul da Itália com âmbitos e situações pós-coloniais (CONELLI, 2013; POLIZZI, 2013). Tendo em vista tudo isso, neste trabalho discutiram-se as tentativas de re-imaginação e renegociação do espaço nacional italiano nas canções do Sul da Itália.

A QUESTÃO DA NAÇÃO

As afinidades com as lutas independentistas europeias, por um lado, e com a condição colonial, por outro, produzem uma relação ambivalente com o conceito de nação, que, de uma parte, é percebida como a única possibilidade de reconstruir um espaço liberado, e, de outra, é uma continuação do discurso do invasor, de acordo com as leituras de Bill Ashcroft sobre a literatura pós-colonial (ASHCROFT, 2009; ASHCROFT, 2012). Este conflito é também condensado na citação a seguir: “nós somos sul e, portanto, com certeza, somos subalternos: vocês podem ser povo e nação, nós em vez somos heterogeneidade, transitoriedade: nem modernos, nem antimodernos – se alguma coisa podemos ser somos altermodernos” (AMENDOLA et al., 2015).

Embora o Sul tenha uma tradição de unidade política progressiva à unificação italiana, a imaginação de um novo estado nacional não é uma ideia unanimemente compartilhada. Nas canções do Sul da Itália se encontram desejos de acabar com as fronteiras nacionais, e também tentativas de imaginar novas fronteiras para adicionar às já existentes. Por exemplo, a peça *Che il Mediterraneo sia*, de Eugenio Bennato (2002), propõe a ideia de um Mediterrâneo sem fronteiras, livre e solidário:

Que o Mediterrâneo seja
Uma fortaleza sem portas
Onde todo o mundo pode viver
Com a riqueza que cada um traz (BENNATO, 2002).³

Ao contrário, os Brigantini, na canção *Allarga lo Stretto* (“Alarga o Estreito”) (2010), defendem sardonicamente o reforço paradoxal da fronteira natural que divide a Sicília do continente, ou seja, o Estreito de Messina, como protesto contra a projetada construção de uma ponte:

Por terem nos explorados, o Estreito se alargou

³ “Che il Mediterraneo sia / la fortaleza ca nun tene porte / addo’ ognuno po’ campare / d’a ricchezza ca ognuno porta”

E agora após cem anos a nossa bunda está acostumada:
Nem direita, nem esquerda, nos chamam de *terroni*⁴
Nós somos sicilianos, não encham o saco!
Alarga o Estreito! Alarga o Estreito! (BRIGANTINI, 2010).

As duas canções aludem à superação do espaço nacional italiano, ainda que de formas muito diferentes. No primeiro caso, fala-se da superação de fronteiras nacionais ou continentais que são imaginárias. No segundo, propõe-se o reforço imaginário de uma fronteira natural. Se, por um lado, Beninato tenta superar o cenário de Mediterrâneo cortado discutido antes, por sua vez os Brigantini tentam reproduzir e reforçar este mesmo cenário, embora utilizando o pretexto da própria subalternidade no contexto italiano. Esta subalternidade se torna apenas um pretexto, porque a letra de *Allarga lo Stretto* faz também referência à fronteira Norte-Sul e ao Mediterrâneo dividido, racializando, sexualizando e criminalizando horivelmente as migrantes africanas na Sicília:

Com a ponte, eles garantem, as coisas vão mudar,
Vai ser feita uma coisa justa, e todo o mundo vai nos invejar.
E uma vez que eles acabarem, se vai sobrar cimento,
Vão fazer uma outra ponte, de Trípoli até Agrigento,
Assim egípcias, líbias, ganesas e nigerianas
Vão chegar andando de patins para trabalhar como putas (BRIGANTINI, 2010).⁵

As posturas racistas de *Allarga lo Stretto* são sintomáticas da racialização implícita que opera de um lado para o outro da fronteira Mediterrânea. Neste contexto, a auto-representação, como parte de uma comunidade oprimida, e a apropriação de narrativas de libertação não são necessariamente acompanhadas pela superação de discursos de superioridade e supremacia. Ao contrário, comparando as letras de *Allarga lo Stretto* com as omissões discutidas em relação à Figura 1, é possível argumentar que, talvez, a criação de um “outro” a ser excluído, esquecido, cancelado dos mapas, ou até racializado, sexualizado e criminalizado, em alguns casos, seja percebida como pré-requisito indispensável para a reivindicação do próprio direito a ser nação. Então, considerando a já mencionada racialização dos Sul-italianos no contexto italiano e europeu, é possível supor que, na Figura 1, o esquecimento das lutas independentistas da Sicília e do Sul continental tenha acontecido exatamente por uma questão de imaginada inferioridade racial dos moradores destas regiões, em contraste com a branquitude e a europeidade incontroversas de catalães, escocês, provençais, etc. Em outras palavras, na Europa, algumas “nações sem estado” parecem ter mais direito que outras a reivindicar a independência, e isso parece, talvez, depender do diferente grau de branquitude atribuído a cada uma destas regiões.

Por isso, a proposta deste trabalho é considerar a questão da re-imaginação da unidade nacional italiana não só em função do simples desejo de formar uma outra nação, mas também à luz de um pensamento descolonial menos dependente de discursos nacionalistas, europeístas e, em última análise, eurocêtricos. Na próxima seção, oferecer-se-á um breve contexto histórico no que se refere aos acontecimentos recentes na Itália.

AS CELEBRAÇÕES E AS POLEMICAS PELO 150º ANIVERSÁRIO DA UNIFICAÇÃO ITALIANA

Em 2011 celebrou-se o 150º aniversário da unificação italiana. Estas celebrações, como destacado por Monsagrati (2014), têm renovado a necessidade de se revisitar a história nacional, visto que a crônica histórica virou alegoria das relações de poder atuais, e a discussão do passado serviu para abrir um debate sobre o presente (SLEMON, 1988). Neste contexto, no Sul da Itália, (re) emergiram narrativas revisionistas, apontando a renegociação da posição da população do Sul na sociedade italiana e dentro da história nacional e internacional, recente e passada (PUGLIESE, 2008). A recuperação e o esclarecimen-

4 *Terroni* (plural masculino), *terrone* (singular masculino): termo depreciativo e racista utilizado na Itália para referir-se aos italianos meridionais.
5 “Con il ponte, ci assicurano, le cose cambieranno, / sarà fatta cosa giusta, tutti ce lo invidieranno / e appena completato, se resterà cemento / un altro ne faranno da Tripoli a Agrigento, / così Egiziane, Libiche, Ghanesi e Nigeriane / verranno con i pattini per fare le buttane”

to de uma memória histórica que desconstrói o mito da nação pode ser entendida como reação cultural às mencionadas representações do Sul como “outro”, representações que são uma ferramenta poderosa para a legitimação e construção de uma identidade italiana compartilhada, baseada em um etnocentrismo do Norte “branco”, que existe em oposição a um Sul “oriental” e “atrasado” (DICKIE, 1994; GRIBAUDI, 1997; PUGLIESE, 2008). A atenção para a memória é outro elemento que conecta o Sul às manifestações culturais pós-coloniais, novamente de acordo com as leituras do Ashcroft (2012).

As narrativas revisionistas se opõem às narrativas oficiais sobre a Unificação italiana, que são divulgadas pelas celebrações nacionais, pela mídia, e pela escola. Por um lado, a história oficial fala do ato glorioso de liberação do Sul da Itália pelo Piemonte. Por outro, as narrativas revisionistas se concentram na violência empregada contra os povos do Sul, nos interesses político-econômicos por trás da Unificação, na pilhagem de recursos meridionais e no empobrecimento gradual do Sul. A tradição revisionista produziu uma miríade de trabalhos que tentaram propor historiografias alternativas (cf. ALIANELLO, 1982; CIANO, 1996; IZZO, 1999, DI FIORE, 2010; GUERRI, 2010).

O mais influente destes trabalhos, pelo menos no contexto da cultura de massa, foi *Terroni*, de Pino Aprile, que reúne muitos destes assuntos e os faz de forma muito acessíveis para o público geral. Este livro foi criticado por alguns acadêmicos, por conta de supostos exageros (cf. FELICE, 2012), ou por causa de deficiências metodológicas (cf. CASSINO, 2013), ou por ter narrado como descobertas novas e chocantes fatos que eram já conhecidos há muito tempo (cf. TINTORI, 2012). A discussão sobre estas críticas não é importante para a realização deste trabalho, mas é importante esclarecer que o livro de Aprile, em vez de ser considerado como um trabalho de história, é aqui mencionado pela sua significância no momento histórico em que foi publicado.

Entre outras coisas, o livro *Terroni* inspirou o trabalho de muitos músicos de regiões, origens e tradições musicais diferentes. Eles contribuíram abundantemente à consolidação de narrativas revisionistas, e um número sem precedentes de canções abertamente revisionistas foi lançado nos meses anteriores e posteriores às celebrações. Muitas vezes, conjuntos, bandas, cantores e compositores comunicaram-se diretamente com alguns dos numerosos recém-formados movimentos políticos e associações culturais que suportam as narrativas revisionistas, assim como denunciam o isolamento cultural e econômico do Sul e exigem mais atenção, ou mais autonomia, por parte do governo central.

Em março de 2011, o histórico Ernesto Galli Della Loggia publicou um editorial no jornal *Il Corriere del Mezzogiorno*, onde definiu este conjunto de narrativas revisionistas como “tese ‘anti-italiana’” (GALLI DELLA LOGGIA, 2011). Eu acredito que resistir à definição de “anti-italiano” seja importante, e que seja possível identificar algumas propostas de leitura, que articulam a re-imaginação da italianidade de maneiras muito mais complexas do que dimensão monolítica proposta por Galli Della Loggia.

Por exemplo, num estudo de campo na cidade de Palermo, Pardalis argumenta que os sicilianos recorrem à afirmação da própria identidade siciliana, separada da italiana, para renegociar a sua posição no contexto da sociedade italiana (2009, pp. 233-234). Outros autores identificaram e documentaram a renascida de discursos autonomistas e independentistas, que são refletidos no aparecimento de novos partidos, movimentos e associações culturais locais (PATRUNO, 2011; FEDERICO, 2011). Joseph Pugliese, por outro lado, identifica práticas meridionais de resistência, que ele descreve como “um enegrecimento tático da Itália, face a um etnocentrismo branco violento e virulento” (2008, p. 2); além disso, Pugliese fala de “justiça provisória da rua”, descrevendo os monumentos desfigurados pelos grafites na cidade de Nápoles, e afirma que estes fenômenos, que normalmente são percebidos como atos vandalísticos e incompreensíveis pelos grupos sociais dominantes, representam na verdade propostas de discursos políticos alternativos, na tentativa de reorientar “o espaço monoglóssico e etnocêntrico da

nação num lugar que seja coextensivo com as histórias, a política e as práticas culturais meridionais” (PUGLIESE, 2008, p. 13). Festa fala de uma propensão a um antagonismo dos subalternos, contra o estado e contra as organizações criminais, difundido em Nápoles e no Sul da Itália (2011).

Em alternativa à definição de Galli Della Loggia, eu chamo “pós-italiano” o desejo de superação do horizonte nacional italiano. O desejo pós-italiano não é necessariamente desejo de acabar com a unidade nacional, mas é, em geral, o re-pensamento da própria identidade e das próprias aspirações a partir do confronto direto com a memória histórica:

Eu não sabia que os piemonteses fizeram, no Sul, muitas vezes, por vários anos, o que os nazistas fizeram em Marzabotto⁶. E que eles cancelaram para sempre muitos países, em operações “antiterrorismo”, como os marines no Iraque. Não sabia que, nas represálias, eles se atribuíram a liberdade de estuprar as mulheres meridionais (APRILE, 2010, p. 7).⁷

Uma série de afirmações deste tipo abre o já mencionado livro *Terroni* de Pino Aprile, e continua por várias páginas. Quase todas as afirmações são introduzidas pela declaração “eu não sabia” ou por expressões similares, sempre com verbos no tempo passado (pretérito imperfeito), que subentendem um “eu sei” no presente. O espaço entre estes tempos verbais define cronologicamente o “pós-” do que eu chamo de “pós-italiano”.

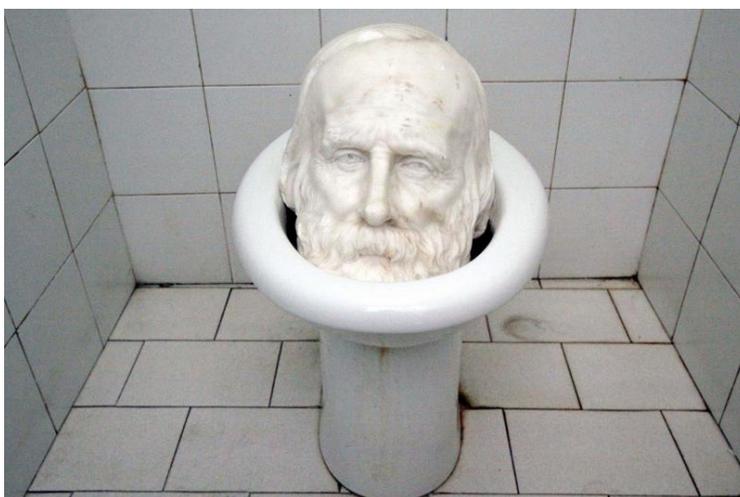


Figura 3 – O monumento a Garibaldi num vaso sanitário em Castellammare di Stabia (Fonte: Dagospia.com <http://goo.gl/2mUvBS>).

Na tentativa de resistir ao conjunto de preconceitos e possíveis acusações que podem surgir ao se definir “anti-italiano” o desejo de superar e renegociar a unidade nacional italiana, eu escolhi utilizar o prefixo “pós-”, bem sabendo que ele pode evocar conceitos bem contestados, como aquele de “pós-moderno” (cf. CALLINICOS, 2010), ou mesmo aquele de “pós-colonial” (cf. PUGLIESE, 1995; MIGNOLO, 2000). Reconhecendo a ambiguidade destes conceitos e a parcial ou total falência deles em descrever a realidade acuradamente, e aceitando a consequente natureza suspeita do prefixo “pós-”, eu acolho também as possíveis falências e ambiguidades potencialmente associadas ao termo “pós-italiano”. Afinal, o que tento descrever como “pós-italiano” é caracterizado tanto pela lúcida percepção duma condição persistente e intolerável de colonialidade, quanto pela consciência da possível falência em adotar um projeto descolonial efetivo.

Tanto o “pós-italiano”, quanto a já mencionada ideia de “justiça provisória da rua” formulada por Pugliese (2008), são condensadas na Figura 3, que documenta um protesto feito em 2011. O protesto ocorreu no palácio do município de Castellammare de Stabia, perto de Nápoles. Os traba-

⁶ Em 1944 os nazistas assassinaram a maioria dos moradores da cidade de Marzabotto, na Itália setentrional.

⁷ “Io non sapevo che i piemontesi fecero al Sud quello che i nazisti fecero a Marzabotto. Ma tante volte, per anni. E cancellarono per sempre molti paesi, in operazioni “anti-terrorismo”, come i marines in Iraq. Non sapevo che, nelle rappresaglie, si concessero libertà di stupro sulle donne meridionali”.

lhadores de uma usina naval que correram o risco de ficarem desempregados resolveram colocar num vaso sanitário o monumento a Giuseppe Garibaldi, o herói por excelência da Itália unida, o general que conquistou a Sicília e o Sul da Itália continental para os juntar à Itália. Então, as iniciativas políticas dos subalternos podem assumir a forma de um assalto contra os símbolos da unidade nacional, e, neste caso, também dos símbolos das narrativas históricas que legitimam a unidade e os seus subprodutos, como o subdesenvolvimento econômico do Sul da Itália.

A MÚSICA ITALIANA REVISIONISTA

Existe uma tradição de música italiana revisionista, representada, por exemplo, pelo álbum de 1972, *L'unità* (“A unidade”), do conjunto Stormy Six, que documenta o massacre de Pontelandolfo de 1861, cometido pelas tropas piemontesas contra as populações inteiras deste município da Itália meridional, e o massacre de Pietrarsa de 1863, onde os militares piemonteses mataram e feriram alguns trabalhadores em greve. Outros exemplos de música revisionista são as canções de Eugenio Bennato e Carlo D’Angiò, como *Brigante se more* (“Morre-se bandido”) (1979).

Partindo desta última canção é possível observar como a renegociação pós-italiana da italianidade é afirmada por meio da insistência em vários significantes recorrentes: neste caso, o fenômeno pós-unitário do brigantaggio, criminalizado pela história oficial, reúne e dignifica histórias, identidades e aspirações meridionais. O conjunto Kalafro, na canção *Briganti*, de 2009, também se identifica nos *briganti*, os bandidos pós-unitários que eram combatentes para a libertação do Sul contra o exército italiano. Os *briganti* são comparados aos jovens calabreses contemporâneos, e a luta dos *briganti* contra o exército italiano vira luta dos calabreses contra a máfia calabresa que se chama de ‘ndrangheta. Os Kalafro repudiam um dos símbolos de unidade nacional italiana, o hino nacional italiano conhecido como “hino de Mameli”, no verso que diz: “desculpe se não canto o vosso hino de Mameli”.⁸ A recusa do hino nacional é acompanhada por uma identificação na tradição da música revisionista sul-italiana, sintetizada no refrão por meio duma citação da já mencionada *Brigante se more*, de Eugenio Bennato.

Apesar do fato de que neste refrão os Kalafro reivindicam uma ligação muito forte com a identidade calabresa e meridional (“a terra é nossa e ninguém a pode tocar”),⁹ nos versos eles parecem dispostos a negociar esta identidade em troca de uma posição melhor na comunidade internacionalista (“não nos chama calabreses, quem morre é um outro anárquico”¹⁰ e “não vou trazer a retórica habitual dos *terroni*, cada letra que escrevo é como um soco que te derruba”).¹¹ Aqui os significantes “calabrês” e “*terrone*” são usados respectivamente em oposição a uma ideia de anarquia universal e a uma maneira eficiente de comunicar com o público. Os Kalafro afirmam a própria identidade calabresa e rejeitam a italianidade, mas ao mesmo tempo estão prontos a desistir desta identidade, demonstrando que são influenciados por um discurso etnocêntrico que associa uma negatividade intrínseca aos conceitos de calabrês e meridional.

As reivindicações dos Kalafro parecem substancialmente equivalentes às teses de Pardalis sobre o jeito dos sicilianos de reivindicar a própria identidade, como um meio de renegociar a própria posição na sociedade italiana sem reivindicar qualquer forma de independência (PARDALIS, 2009, p. 232), e, portanto, sem revolucionar o organograma das relações de poder.

Os 99 Posse têm a mesma inspiração internacionalista dos Kalafro, e a sua canção *Italia Spa* (“Itália S/A”), de 2011, se foca na violência exercida contra o Sul no processo de unificação, conectando-a diretamente com a situação de inequidade entre Norte e Sul que caracteriza a Itália. No texto, os 99 Posse abordam um interlocutor, marcado pelo uso contínuo do pronome italiano *voi* (“vocês”, “vós”)

⁸ “scusate se non canto il vostro Inno di Mameli”

⁹ “a terra è a nostra e nun s’ha ‘dda tuccà”

¹⁰ “non chiamarci calabresi se a morire è un altro anarchico”

¹¹ “non vengo per portarti la solita retorica terronica, ogni lettera che traccio è come un gancio che ti corica”

e das palavras derivadas. O interlocutor se manifesta gradualmente como as elites que tem controlado a Itália a partir do momento da unificação: “a Itália que **vocês** fizeram, fizeram-na do jeito pior, prometendo irmandade e semeando raiva, ignorando o estupor no rosto dos camponeses fuzilados, das aldeias derrubadas, das mulheres violentadas [...], e ainda isso não é suficiente para **vocês**”¹² (DELLO IACOVO et al., 2011).

Contra este *vocês*, a canção coloca uma primeira pessoa, *noi/io* (“eu” / “nós” / “a gente”), que se identifica com os povos do Sul da Itália. Esta primeira pessoa ameaça se rebelar usando o lixo, o mesmo lixo da emergência ecológica que até hoje aflige a região que fica no norte de Nápoles, para construir barricadas e para jogá-lo contra o interlocutor: “**nós** pra cá temos trinta mil toneladas de lixo amontoado e pronto para fazer todas as barricadas, e mais umas trinta mil toneladas **vamos** jogá-las com uma catapulta dentro das moradias suntuosas onde **vocês** moram” (DELLO IACOVO et al., 2011).¹³

Estas ameaças são coerentes com uma visão de Nápoles e do Sul como uma região intrinsecamente antagonista, que faz da própria mesma subalternidade uma ferramenta de resistência política, como proposto por Francesco Festa (2014).

A canção contém também uma gravação de um discurso racista de um político do partido supremacista e separatista da Lega Nord, Mario Borghezio, em defesa da imaginária identidade “branca e cristã” do Norte da Itália. O discurso racista é interrompido por um barulho de boca, uma zombaria que reorienta o discurso etnocêntrico em direção a narrativas mais inclusivas. Como na já mencionada “justiça provisória da rua”, de Joseph Pugliese (2008), esta reorientação acontece por meio da desfiguração de um objeto que simboliza a violência institucional, neste caso o discurso de um político. Então, ao contrário dos Kalafro, os 99 Posse não são influenciados por um discurso etnocêntrico branco, mas tentam desconstruí-lo.

Existem também canções que não têm a inspiração internacionalista que caracteriza os 99 Posse ou os Kalafro, mas também tentam de renegociar o passado e o presente do Sul da Itália. A canção de Eddy Napoli, *Malaunitá* (“Má unidade”) (2011), por exemplo, tenta desconstruir a retórica dos “fratelli d’Itália”, os “irmãos da Itália”, celebrados pelo hino nacional, sustentando que, por conta de toda a violência sofrida pelo Sul, não se pode falar de irmãos italianos. Tueff, na canção *Fratelli d’Itaglia* (“Irmãos da Itália”) (2014), declara também que os italianos não são irmãos, e sucessivamente afirma que o “meridione”, a saber, o Sul da Itália, é a sua única nação. Então, nestes casos se pode sim falar de formas de nacionalismo, ou nacionalitarianismo, do Sul, embora este nacionalismo não implique na racialização do “outro”, como no caso, discutido antes, de *Allarga lo Stretto*, dos Brigantini.

Nesse quadro, existem também músicos que imaginam, ou reivindicam, um retorno da casa de Bourbon, que governava o Reino das Duas Sicílias, no caso o Sul da Itália, até a Unificação. Outros músicos repudiam esta ideia, e se declaram contrários a qualquer forma de nostalgia Neo-Bourbonista. A posição dos 99 Posse, neste sentido, é interessante: na já mencionada canção *Italia Spa*, o conjunto declara odiar e repudiar o “Rei Bourbon” (DELLO IACOVO et al., 2011). Porém, existe um videoclipe de uma outra canção, *Napulitan* (“Napolitano”) (SORRENTINO, 2012), de um conjunto chamado Jovine, que é praticamente um projeto paralelo dos 99 Posse, já que todos os membros principais do primeiro são também membros do outro: neste videoclipe, que celebra a identidade napolitana, aparece a bandeira do Reino das Duas Sicílias (Figura 4). Embora repudiando o legado bourbônico, os Jovine/99 Posse parecem acolher e até celebrar a mesma bandeira bourbônica, provavelmente considerando-a um símbolo de desobediência contra o estado italiano, um exemplo de protesto pós-italiano.

12 “L’Italia che avete fatto voi l’avete fatta nel modo peggiore spacciando fratellanza e seminando rancore, ignorando lo stupore sul volto dei contadini fucilati, dei paesi rasati al suolo, delle donne violentate. [...] e ancora nun v’abbasta”

13 “nui ccà tenimm’ trentamila tonnellate di munnezz’ ammontunat’ e pront’ pe ne fà tutte quante barricate e n’ate trentamila v’è buttamm’ a catapulta rint’e ville addò campate”



Figura 4 – Um quadro do videoclipe de Jovine, *Napulitan*, mostrando o emblema bourbônico. (Fonte: Valerio Jovine <https://goo.gl/35OtAs>)

Existem também canções abertamente autonomistas: *Splendi Sicilia* foi escrita em 2010 pelo conjunto siciliano Sfasciatura. A versão original da canção fala muito simplesmente de autonomia siciliana:

Brilhe, Sicília,
 Centro do mundo,
 A autonomia
 Não é apenas um sonho (SFASCIATURA, 2010).¹⁴

A menção da autonomia é uma clara referência ao debate político sobre a Sicília, entre os detratores do estatuto regional de Autonomia (cf. LANFRANCA et al., 2012) e os defensores da autonomia mesma, que também reivindicam uma aplicação mais rigorosa do estatuto regional, que teoricamente poderia quase garantir uma forma de semi-independência para a ilha (cf. COSTA, 2009). O conjunto Sfasciatura se coloca bem nesta última facção, imaginando com otimismo um implemento verdadeiro da autonomia formal siciliana, falando que este “não é apenas um sonho”, implicando também que a autonomia atual não é autonomia autêntica, e colocando a autonomia em relação à centralidade da ilha.

Dessa forma, entre 16 e 17 de março de 2011, o conjunto tocou no concerto do 150º aniversário da unificação italiana, na cidade de Catânia. Eles tocaram esta canção mudando o verso sobre a autonomia:

Brilhe, Sicília,
 Centro do mundo,
 O teu resgate
 Não é apenas um sonho (SFASCIATURA, 2011).

A substituição da referência específica à autonomia, com uma referência muito mais diluída e indefinida a um resgate, despolitiza a proposta do conjunto e a faz compatível com a unidade monológica e monolítica celebrada pelo evento oficial, embora o estatuto de autonomia siciliano seja contemplado e institucionalizado pela constituição nacional italiana. Não é difícil especular e imaginar que esta intervenção na canção foi feita por conta de pressões feitas pelos organizadores do evento, ou que foi uma modificação voluntária do conjunto mesmo, uma autocensura feita para evitar a exclusão do evento.

 Este episódio permite uma reflexão sobre as celebrações. O revisionismo foi frequen-
 14“Splendi Sicilia / centro del mondo / l'autonomia / non è solo un sogno”

temente acusado de comprometer a unidade nacional, por exemplo, por Monsagrati (2014) e por Galli Della Loggia (2011). Este episódio, ao contrário, pode revelar outra interpretação possível: as celebrações são parte de uma oficialidade italiana que intervém nas ideias e nas aspirações das pessoas e as constringe à uma revisão simbolicamente violenta, as despolitiza e as silencia. Então, as narrativas oficiais são, pelo menos, tão revisionistas quanto aquelas não oficiais. O fato de não ter como saber quem mudou a letra da canção pode também lembrar a definição de violência objetiva proposta pelo Slavoj Žižek, em que a violência subjetiva é aquela causada por um autor bem visível, e a violência objetiva é intrínseca nos mecanismos de dominação que governam a sociedade e o sistema político-econômico (ŽIŽEK, 2008).

Um exemplo muito menos simbólico e muito mais material desta violência é um outro episódio que aconteceu no mesmo dia das celebrações, mas em Roma, na capital italiana. A fotografia exibida aqui mostra a bandeira colocada por um homem, também siciliano (Gaetano Siciliano), na varanda de um hotel que fica na mesma praça onde tinha o desfile principal das celebrações (Pantheon, Piazza della Rotonda). A frase escrita na bandeira significa “eu não celebro genocídios. A vida é bela”.¹⁵ Ele tinha reservado e pagado o hotel regularmente, então tinha o direito de estar lá. Porém, a polícia conseguiu entrar em seu quarto. Os agentes confiscaram a bandeira e o homem foi identificado e ameaçado.



Figura 5 – Gaetano Siciliano mostrando uma bandeira de protesto em Roma (Fonte: Eleaml.org <http://goo.gl/m1S3te>).

CONCLUSÕES

Neste trabalho examinei algumas canções escritas e interpretadas por músicos provenientes de várias regiões, ideologias e tradições musicais, também exibindo alguns outros tipos de ações

¹⁵ “Io non festeggio genocidi. La vita è bella”

com alta relevância simbólica. Apesar de diferenças significativas, estas canções e ações convergem no sentido de uma visão similar sobre a necessidade de desconstruir as narrativas oficiais sobre a história da unificação nacional e sobre a unidade nacional atual.

A atenção desses músicos e ativistas está concentrada no diálogo entre o Sul e o Norte do país, e no diálogo entre o estado central e o Sul, que caracterizam a unidade nacional, e que permanecem em um estado de desequilíbrio crônico em desfavor do Sul, como foi destacado pela historiadora Gabriella Gribaudo (GRIBAUDI, 1997). O espaço discursivo que descrevo como “pós-italiano” anela, sem dúvida, ao reequilíbrio deste diálogo, que permanece como prioridade urgente da música, da cultura, da história e da política italiana. Ao mesmo tempo, é importante destacar que o pós-italiano contempla também a quebra deste diálogo, como opção legítima e justificada contra a violência, tão simbólica quanto material, praticada pelo estado e pela nação italiana contra as populações, as identidades, as práticas e os territórios meridionais.

É importante reconhecer a existência e a relevância destas narrativas, apesar do silenciamento ao qual elas são sujeitas ao nível nacional italiano, como abundantemente mostrado neste trabalho, e também ao nível europeu, como já destacado em referência ao pôster na Figura 1. Enfim, conforme a proposta deste trabalho, focalizado primariamente na música popular, é fundamental considerar tanto o impacto cultural destas narrativas, quanto o impacto que a produção cultural exerce nestas narrativas. Neste sentido, o “pós-italiano” é entendido primariamente como uma proposta criativa, ou melhor, como uma utilização da criatividade para propor e invocar a descolonização do Sul da Itália.

POST-ITALIAN NARRATIVES THE RE-IMAGINATION OF NATIONAL UNITY IN THE SONGS OF SOUTHERN ITALY

ABSTRACT

The 2011 celebrations for the 150th anniversary of the Italian unification renewed the necessity of reflecting on national history. In this context, it is possible to identify a range of subaltern narratives in Southern Italy, which attempt to renegotiate the position of the populations of these regions within Italian society. These narratives are here described as “post-Italian” and can be understood as cultural reactions to the traditional representations of the South as “other”, which is instrumental to the legitimation and the construction of a shared Italian identity, based on the ethnocentrism of the “white” North vs. the “oriental” and “backwards” South. This work seeks to examine these questions by analysing a sample of songs, discussing the main differences in terms of the political and ideological discourses produced within them, in order to assess the extent to which these narratives qualify as attempts to promote autonomist agendas and/or aspire to a renegotiation of the position of Southerners within Italian society.

KEYWORDS

Southern Italy. Songs. Subalternity. Historical Revisionism. Decoloniality.

REFERÊNCIAS

- ALIANELLO, C. *La conquista del Sud*. Milan: Rusconi, 1972.
- AMENDOLA, G. et al. *Il Rapporto Svimez e le lettere a un meridione mai nato*. EuroNomade, 2015. Disponível em: <http://googl/tOqX8l>.
- APRILE, P. *Terroni: Tutto quello che è stato fatto perchè gli italiani del sud diventassero meridionali*. Milan: Piemme, 2010.
- ASHCROFT, B. *Beyond the Nation: Post-Colonial Hope*. In: *The Journal of the European Association of Studies on Australia*, Barcelona, v. 1, n. 1, 2009, pp. 12-22.
- ASHCROFT, B. *Introduction: Spaces of Utopia*. In: *Spaces of Utopia: An Electronic Journal*, v. 2, n. 1, 2012, pp. 1-17.
- BENNATO, E. *Che il Mediterraneo sia*. Taranta Power, 2002.
- BENNATO, E.; D'ANGIÒ, C. *Brigante se more*. Philips Records, 1980.
- BRIGANTINI. *Allarga lo Stretto*. Brigantini / Trp, 2010.
- CALLINICOS, A. *Against Postmodernism: A Marxist Critique*. Cambridge: Polity Press, 1989.
- CASSINO, C. *Resenha - Malaunità. Centocinquant'anni portati male*. *Giornale di storia*, 17 May 2013.

- CIANO, A. I Savoia e il massacro del Sud. Rome: Grandmelò, 1996.
- CONNELLI, C. Mezzogiorno postcoloniale. Terza giornata di studi su Nicola Zitara. Nola, 2013.
- CONNOLLY, C. K. Independence in Europe: Secession, Sovereignty, and the European Union. *Duke Journal of Comparative & International Law*, Durham, NC, n. 24, 2013, pp. 51-105.
- COSTA, M. Lo statuto speciale della Regione Siciliana: Un'autonomia tradita? Palermo: Herbita, 2009.
- DELLO IACOVO, R. et al. Italia Spa. Novenove, 2011.
- DI FIORE, G. Controistoria dell'Unità d'Italia: Fatti e misfatti del Risorgimento. Milan: Rizzoli, 2010.
- DICKIE, J. The South as Other: From Liberal Italy to the Lega Nord. *The Italianist*, v. 14, n. Special Issue - Culture and society in southern Italy: past and present, 1994, pp. 124-140.
- DICKIE, J. Stereotypes of the Italian South, 1860-1900. In: LUMLEY, R.; MORRIS, J. *The New History of the Italian South: The Mezzogiorno Revisited*. Exeter: University of Exeter Press, 1997. pp. 114-147.
- FABBRI, P.; FABBRI, F. Pontelandolfo. First, 1972.
- FEDERICO, E. Il mito dell'Ausonia : dall'orizzonte greco-calcidese al leghismo sudista. *Anabases*, v. 14, 2011, pp. 11-23.
- FELICE, E. Sull'importanza della storia per le scienze sociali (e viceversa). Tre esempi dai divari regionali in Italia. In: FELICE, D. *Studi di storia della cultura. Sibi suis amicisque*. Bologna: Clueb, 2012, pp. 515-538.
- FESTA, F. Oltre l'emergenza: Pratiche ed esperienze di "comune" nel Sud d'Italia. In: ORIZZONTI MERIDIANI Briganti o emigranti: Sud e movimenti tra conricerca e studi subalterni. Verona: Ombre corte, 2014, pp. 191-208.
- GALLI DELLA LOGGIA, E. Sbaglia chi pensa che il ritardo del Sud sia dovuto all'Unità d'Italia. *Corriere del Mezzogiorno*, 5 March 2014. Disponivel em: <http://goo.gl/vNt3Sa>.
- GRAMSCI, A. La Questione Meridionale. Rome: Editori Riuniti, 1966.
- GRIBAUDI, G. Images of the South: The Mezzogiorno as seen by Insiders and Outsiders. In: LUMLEY, R.; MORRIS, J. *The New History of the Italian South: The Mezzogiorno Revisited*. Exeter: University of Exeter Press, 1997, pp. 83-113.
- GUERRI, G. B. Il sangue del Sud: Antistoria del Risorgimento e del brigantaggio. Milan: Mondadori, 2010.
- HESS, A. C. *The forgotten frontier: A History of the Sixteenth-Century*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1978.
- IZZO, F. I lager dei Savoia: Storia infame del Risorgimento nei campi di concentramento per meridionali. Naples: Controcorrente, 1999.
- LANFRANCA, D. et al. Perché è diventato indifendibile lo Statuto Speciale Siciliano. *La Repubblica*, 10 October 2012. Disponivel em: <http://goo.gl/SQQLa2>.
- MESSINA, M. The Risorgimento Rec(h)anted: Historical Revisionism of the Italian Unification in Songs from Southern Italy. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História : lugares dos historiadores : velhos e novos desafios*. Florianópolis, SC: ANPUH. 2015, pp. 1-11.
- MESSINA, M. "Nuatri semu un populu pi sempri!": (De)Coloniality, Autonomism and "Post-Italianism" in Sicilian Songs. *AATI Online Working Papers*, Toronto, v. "Siena", 2016.
- MIGNOLO, W. (Post)Occidentalism, (Post)Coloniality, and (Post)Subaltern Rationality. In: AFZAL-KHAN, F.; SEHADRI-CROOKS, K. *The Pre-Occupation of Postcolonial Studies*. Durham, NC: Duke University Press, 2000, pp. 86-118.
- MONSAGRATI, G. 1861–2011. The celebrations in Italy and in the international context. *Journal of Modern Italian Studies*, v. 19, n. 1, 2014, pp. 71-77.
- NAPOLI, E. Malaunità. In: VV.AA. Malaunità. 1861 - 2011 Centocinquant'anni portati male. Naples: Spazio Creativo, 2011 (CD Annexed to book).
- PARDALIS, S. Terroni and Polentoni: Where Does the Truth Lie? An Anthropology of Social Networks And Ethnicity in Palermo (Sicily), Italy. Thesis: Duhram University, 2009.
- PATRUNO, L. Fuoco del Sud: La ribollente galassia dei Movimenti meridionali. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2011.
- PERRI, P. Nazionalità e lotta di classe: La Nuova Sinistra e i nazionalismi periferici. *Diacronie: Studi di Storia Contemporanea*, n. 9, 2012, pp. 1-18. Disponivel em: <http://goo.gl/JJJ8XF>.
- POLIZZI, G. Postcoloniality and the Italian South: Race, Gender, Sexuality, Literature. Utrecht: Utrecht University - Granada University, 2013. Disponivel em: <http://goo.gl/jzuo29>.
- PUGLIESE, J. Parasiting 'post' colonialism: on the (im)possibility of a disappropriative practice. *Southern Review: Communication, Politics & Culture*, v. 28, n. 3, 1995.
- PUGLIESE, J. White Historicide and the Returns of the Souths of the South. *Australian Humanities Review*, n. 42, 2007. Disponivel em: <http://goo.gl/p3SWQt>.
- PUGLIESE, J. Whiteness and the blackening of Italy: La guerra cafona, extracomunitari and provisional street justice. *POR-TAL Journal of Multidisciplinary International Studies*, v. 5, n. 2, 2008.
- REIG BRAVO, J. Espais de convivència a la Mediterrània. *Quadrivium: Revista digital de musicologia*, Valencia, n. 6, 2015. Disponivel em: <http://goo.gl/cMGjuZ>.
- SALVEMINI, G. Movimento socialista e questione meridionale. Milan: Feltrinelli, 1963.

- SFASCIATURA. Splendi Sicilia. [s.n.], 2010.
- SFASCIATURA. Splendi Sicilia. Catania: [s.n.], 16-17 March, 2011.
- SLEMON, S. Post-Colonial Allegory and the Transformation of History. *The Journal of Commonwealth Literature*, v. 23, 1988, pp. 157-168.
- SORRENTINO, G. Napulitan. Intérpretes: Jovine e ‘O Zulù. Napoles: Incolore Communication, 2012.
- TINTORI, G. Resenha: Terroni. Tutto quello che è stato fatto perché gli italiani del sud diventassero “meridionali” by Pino Aprile. *Italian American Review*, v. 2, n. 1, 2012, pp. 53-55.
- TUEFF, Fratelli d’Itaglia. Suonidelsud, 2014.
- ZITARA, N. L’Unità d’Italia: Nascita di una colonia. Milan: Jaca Book, 1971.
- ŽIŽEK, S. Violence: Six Sideways Reflections. New York: Picador, 2008.

Data de recebimento: 27/03/2016

Data de aceite: 20/04/2016